

Diretor justifica equívoco

O anúncio da demissão dos 11 diretores dos hospitais da rede oficial formalizado anteontem em declarações do secretário de Saúde, Alberto Barbosa, e posteriormente pelo próprio governador José Aparecido, não passou de "um erro de interpretação" por parte do Governo, conforme anunciou ontem o diretor da Fundação Hospitalar, João da Cruz. Ele admitiu que juntamente com Alberto Barbosa passou ao governador a informação de que os diretores estariam demissionários por se recusarem a cumprir as determinações feitas pelo secretário na Instrução nº 5/86, enviada anteontem a todos os hospitais da FHDF.

Esta instrução delega aos diretores de todas as unidades hospitalares da Fundação para "demitrir servidores ocupantes de empregos em comissão ou de empregos permanentes, lotados nas unidades que lhes são subordinadas". Ao tomar conhecimento do documento, levado a eles pelo secretário e pelo próprio João da Cruz, os médicos teriam afirmado que colocariam seus cargos à disposição devido à impossibilidade ética de passarem a demitir companheiros devido à greve da categoria. A posição dos diretores ficou clara na afirmação de An-

dré Santiago Rangel Lima, diretor do Hospital de Pronto-Atendimento Psiquiátrico. "Nós nunca tivemos delegação do Governo para admitir companheiros, porque devemos agora aceitar demiti-los"

João da Cruz, e Alberto Barbosa, que em seguida a este encontro voltaram ao Palácio do Buriti, passaram ao governador a disposição que julgaram encontrar nos diretores, de que eles estariam todos demissionários. José Aparecido aceitou a informação como correta e imediatamente determinou o afastamento, conforme informou à imprensa.

No abaixo-assinado feito em resposta à Instrução nº 5 e entregue a Alberto Barbosa mais tarde, não havia nenhuma referência a pedidos de demissão dos 11 diretores, até porque esta era uma decisão de assembleia — nenhum médico poderia ser demitido durante o movimento, com o objetivo de manter a categoria unida nas negociações com o Governo. O texto do abaixo-assinado dos diretores, de cinco linhas, apenas comunicava ao secretário de Saúde, que "por decisão conjunta e unâmíne" os diretores consideram "inoportunas as determinações emanadas da Secretaria de Saúde, no sentido de assumir

medidas punitivas ou que induzem a punições aos servidores em greve da FHDF".

Ainda assim, no início da noite de quarta-feira, já ciente do texto-resposta dos médicos, assegurou que eles estavam todos demitidos a pedido, e que permaneceria nos cargos até que fosse providenciada sua substituição. A tese do erro de interpretação, apresentada anteontem pelo Governo, talvez possa ser explicada pelo alto grau de tensão que tomava conta dos gabinetes do Palácio do Buriti. Ontem, no entanto, o anúncio da demissão reverteu nos hospitalais, onde se instalou um clima de insegurança e confusão, com diretores que não haviam pedido demissão demitidos, os diretores administrativos (que devem assumir a direção nestes casos) sem saber que atitude tomar.

Para o presidente do Conselho Regional de Medicina, Francisco Costa, "esta história se parece muito com a da viúva Porcina, a que era sem nunca ter sido". Ele disse também que o "erro de interpretação" do Governo foi o evento lamentável, que só não é imperdoável porque neste momento não convém alimentar mal-entendidos".